

## **Resumo**

O presente trabalho é fruto de minha pesquisa e trabalho de campo (realizado de maneira remota) feitos durante a pandemia de coronavírus, anos de 2020 e 2021, e busca acompanhar e analisar as mudanças ocorridas na na organização e realização da Folia do Divino Espírito Santo da Ilha dos Valadares em decorrência da COVID-19.

... sendo possível identificar um modo próprio pelo qual as populações caiçaras se utilizaram da internet, dos aparelhos móveis e das redes sociais para manter suas relações (principalmente de parentesco), trânsitos e trocas, durante a pandemia.

Neste trabalho apresento o problemas enfrentados para a realização de tal Folia através do aplicativo de mensagens Whatsapp, e as alternativas desenvolvidas pelos próprios foliões para contorná-los.

**Palavras-chaves:** Pandemia; Folia do Divino Espírito Santo; Caiçaras

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

FIGURA 1 - A FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DA ILHA DOS VALADARES EM SUA PASSAGEM PELA VILA DO SUPERAGUI



FONTE: Ivan Ivanovick (gentilmente cedido)

## Introdução

A Folia do Divino Espírito Santo da Ilha dos Valadares percorre comunidades localizadas ao norte do município de Paranaguá e ao sul de Cananéia, transitando pelo que se chama de complexo estuarino lagunar Cananéia-Paranaguá, um complexo composto por baías, mangues e canais imersos nas últimas reservas da Mata Atlântica. No total esta Folia costuma percorrer 16 ilhas, vilas e sítios localizados na Ilha das Peças, Ilha do Superagui, Ilha do Cardoso, assim como a sede e regiões continentais dos municípios de Guaraqueçaba e Cananéia. No ano de 2018, com a utilização de equipamentos de georreferenciamento, tal Folia foi mapeada, e registrou-se um total de cerca de 950 km percorridos em barcos e a pé, somando-se o total de 248 casas visitadas.

Conforme analisado em outros trabalhos (TOSSULINO, 2021; DANIEL, 2019) a experiência da passagem da Folia relaciona-se intimamente com o passado destas comunidades, com suas famílias e com sua memória enquanto grupo. Desse mesmo modo tal Folia permite a criação de laços familiares e uma territorialidade específica,

possuindo, além de um aspecto místico/religioso, um aspecto identitário para as comunidades envolvidas, assim como está atrelada a sua sociabilidade.

Com a chegada do coronavírus ao Brasil, em março de 2020, tivemos a visualização do isolamento social como única alternativa de controle da pandemia, deslocando as interações humanas da dimensão física, na qual as trocas são subjetivas, mediadas pela linguagem, carregadas de imprecisões, ambiguidades e abertas a interpretações, sentidos e experiência diversas (trocas que envolvem corpos que se tocam e que necessitam do dispêndio de energia física), para uma dimensão conectiva/virtual, no qual as trocas e interações humanas foram mediadas pela máquina, por aparatos informáticos e tecnologias da informação e comunicação (BERARDI, 2020). Deste modo todos os caminhos terrestres e marítimos percorridos por esta Folia se esvaziaram, as comunidades se fecharam e a imobilidade se tornou regra, sendo necessário um jogo de criatividade por parte dos foliões para que as Bandeiras pudessem abençoar seus devotos.

Este trabalho irá descrever um pouco do caminho percorrido por esta folia durante os anos pandêmicos.

## **Folias**

As folias são, no Brasil, manifestações religiosas que pertencem ao que se convencionou chamar de catolicismo popular, isto é, o catolicismo praticado sem o controle institucional da Igreja. Dentro desse "sistema religioso da comunidade camponesa", como o compreende Carlos Rodrigues Brandão (1986), percebe-se uma grande importância dada à prática religiosa (principalmente comunitária), em detrimento da palavra profética, ou da leitura do livro sagrado.

Praticadas de diversas formas (e para diversos Santos) em todo o território nacional, estas folias apresentam uma organização semelhante, a qual consiste no deslocamento de um grupo de tocadores e cantadores, denominados foliões, por determinado território pré-estabelecido, visitando casas, igrejas, cemitérios e levando bênçãos, graças e dádivas aos devotos, em trocas de ofertas e promessas.

Na região litorânea do Estado do Paraná e de São Paulo, as Folias do Divino Espírito Santo vêm sendo retomadas e ganhando destaque, existindo na região 5 folias: A Folia do Divino Espírito Santo de Guaratuba, a Folia da Ilha dos Valadares, A Folia de Cananéia, A Folia da Comunidade do Pereirinha/Itacuruçá (Ilha do Cardoso) e a Folia de Ubatuba. Recentemente nomeadas de Folias Caiçaras (por serem praticadas e

guardarem relações com outras práticas culturais destas populações, como por exemplo o Fandango Caiçara), estas folias estão em processo de registro pelo Iphan como Patrimônio Imaterial Brasileiro, e possuem como particularidade destacada o ambiente percorrido. Imersas na beleza e abundância da maior faixa contínua remanescente de Mata Atlântica do país, estas folias realizam seus trajetos majoritariamente em embarcações, visitando ilhas, vilas e comunidades, transitando entre canais, manguezais, praias e baías durante os 50 dias de pentecostes.

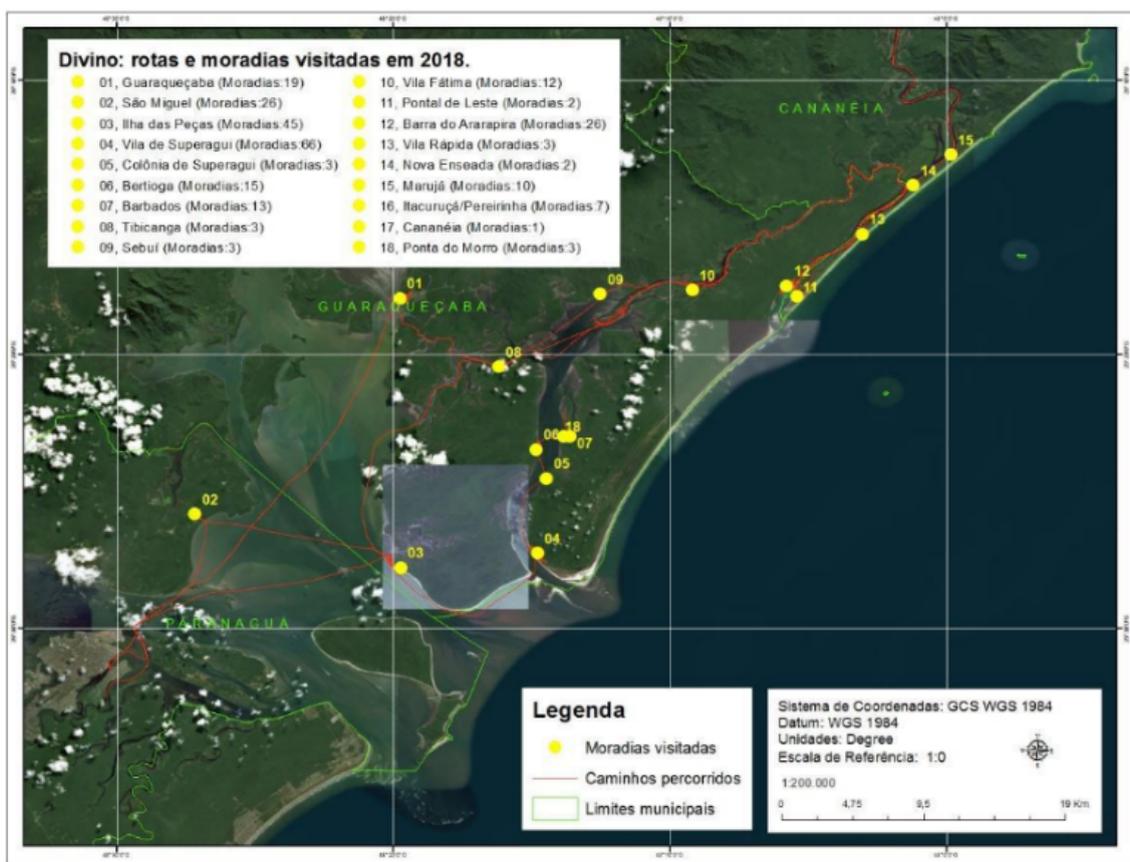
A circulação e o trânsito é constante para essa população, seja nas saídas para a pesca, no fluxo do turismo ou na visita aos parentes, o movimento está presente no dia a dia na região, e é nesse trânsito que as Folias se inserem e a partir dele reforçam sociabilidades (e identidades), criam laços, afetos e memórias. Em 2020, diante da paralisação, da interdição dos deslocamentos e dos contatos dos corpos, os foliões precisaram aprender novas formas de se manterem em movimento.

A Folia do Divino Espírito Santo da Ilha dos Valadares, com a qual tenho contato desde 2016, escolheu o Whatsapp como embarcação para continuar o trajeto das bandeiras do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade. Esta Folia sai da Ilha dos Valadares (região periurbana do município de Paranaguá) e geralmente (em tempos não-pandêmicos) percorre aproximadamente 1.000 quilômetros, sendo visitadas um total de 248 casas em 18 comunidades e localidades diferentes, compreendidas entre os municípios de Cananéia/SP, Guaraqueçaba/PR e Paranaguá/PR<sup>2</sup>, conforme mapa a seguir, elaborado no âmbito de um Relatório de Avaliação de Impactos ao Bem Registrado:

---

<sup>2</sup> São elas: São Miguel, Ilha das Peças, Vila de Superagui, Colônia de Superagui, Bertioga, Barbados, Tibicanga, Sebuí, Vila Fátima, Pontal de Leste, Barra do Ararapira, Vila Rápida, Nova Enseada, Marujá, Itacuruçá, Ponta do Morro, assim como a sede do município de Cananéia e Guaraqueçaba.

FIGURA 2 - ROTA DA FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DA ILHA DOS VALADARES NO ANO DE 2018



FONTE: RAIPI (2018)

Esta folia é composta por mestre Aorelio Domingues (que também toca a rabeça), o alferes Eloir "Poro" de Jesus e o caixeiro Jairo de Souza, contando ainda com diversos foliões que, em uma espécie de escala e rodízio regida pela disponibilidade de cada participante e pela necessidade da Folia, ocupam a posição de violeiro, tenor e tipe.

A Ilha dos Valadares constitui-se hoje como um bairro da cidade de Paranaguá, sendo uma ambiente peri-urbano que teve uma crescente ocupação, a partir da década de 80, impulsionada pela migração das populações que habitavam áreas (denominadas de sítios) transformadas em Unidades de Conservação, que viram impossibilitadas suas práticas econômicas e produtivas e buscavam melhores condições sociais. Neste cenário, como nos apontam etnografias realizadas na região, (como por exemplo MARTINS, 2006) a Ilha dos Valadares representou um ambiente no qual as práticas do sítio poderiam ser mantidas, mantendo também a proximidade com a cidade de Paranaguá e as oportunidades que ela poderia oferecer.

Destaca-se que por esta posição ocupada e constituída historicamente pela Ilha dos Valadares, de ambiente de mediação entre "o sítio" e a cidade de Paranaguá

(COELHO, 2014 e MARTINS, 2006), a Folia da região realiza um movimento de retorno ao "centro do mundo" ou "centro do mato" das populações caiçaras, saindo da margem da cidade para o local dos antigos sítios (TOSSULINO, 2021), reforçando laços sociais entre distintos espaços e tempos, contribuindo para a reorganização do modo de vida caiçara em distintos contextos.

### **Duas Folias pandêmicas**

No dia 26 de fevereiro de 2020 foi confirmado o primeiro caso de Covid-19 em solo brasileiro. Apesar do Ministério da Saúde já ter decretado o estado de emergência em saúde pública no país no início daquele mês, foi a partir desta data que a presença do vírus se fez sentir em nossas vidas. No estado do Paraná os primeiros casos confirmados se deram no dia 12 de março (na cidade de Curitiba), exatamente um mês antes do domingo de páscoa, data na qual se realiza as bênçãos das Bandeiras e que marca a primeira alvorada da Folia. No dia 16 deste mesmo mês o Governo do Estado decretou a suspensão das aulas em escolas públicas e nas universidades estaduais, assim como o funcionamento de teatros, cinemas, bibliotecas, museus, além da realização de eventos artísticos e culturais. Em meio a quaresma se dava o início da quarentena, afetando o planejamento e organização das festas do ciclo pascal.

As comunidades caiçaras, por decisão própria, se fecharam, e pelas redes sociais eram feitos pedidos para que turistas não os visitassem. Porém, tais pedidos não foram completamente atendidos, uma vez que muitas pessoas, "aproveitaram" a quarentena e a transferência de suas atividades do mundo físico para o virtual, para viajar para tais locais. Influenciada tanto pelo medo do novo coronavírus, quanto pela queda de procura e de mercado consumidor de pescados nos municípios litorâneos do Paraná, até mesmo a atividade pesqueira foi reduzida no primeiro momento, fato que, somado com a queda do turismo, abalou o orçamento dessas famílias, uma vez que o início da quarentena coincidiu com o início do período da pesca da tainha (atividade principal de muitas famílias da região)

Alertados pela impossibilidade de se locomoverem com as Bandeiras, uma vez que a Folia produz contato e movimento, os foliões em duas semanas pensaram e decidiram o que fazer, transmitir as alvoradas e encerros diários pelo Facebook, e gravar vídeos para cada família devota visitada nos anos anteriores. Destaca-se que a tripulação da Bandeira já estava preparada para a saída da Folia, mas a gravidade do momento pediu por uma decisão rápida, optando-se por resguardar a saúde dos devotos, mas

mantendo-os com a visita, mesmo de forma virtual. Segundo o mestre da bandeira, Aorelio Domingues, não existia possibilidade de não se fazer a Folia, pois era exatamente em momentos assim que os devotos precisam do alento e das bênçãos do Espírito Santo.

FIGURA 3 - COMUNICADO AOS DEVOTOS SOBRE A REALIZAÇÃO DA FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DA ILHA DOS VALADARES EM MEIO A PANDEMIA.

**QUERIDAS E QUERIDOS DEVOTOS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

DIANTE DA PANDEMIA DO NOVO **CORONA VÍRUS**, OS FOLIÕES E FOLIÁS DA **BANDEIRA DO DIVINO DA ILHA DOS VALADARES**, POR MEIO DE SEU **MESTRE AORÉLIO DOMINGUES**, TOMARAM POR DECISÃO SUSPENDER AS VISITAS PRESENCIAIS NAS VILAS E COMUNIDADES ATENDIDAS POR ESTA PEREGRINAÇÃO NESTE ANO. COMPREENDENDO QUE A SAÚDE ESPIRITUAL, FÍSICA E MENTAL ANDAM JUNTAS, **IREMOS MANTER A ROMARIA DE FORMA VIRTUAL**, OU SEJA, O RITUAL PERMANECERÁ ACONTECENDO NA **CAPELA DO DIVINO DA ASSOCIAÇÃO MANDICUERA**, E SERÁ TRANSMITIDO VIA FACEBOOK, **A PARTIR DO DIA 12/04/2020**.

FIQUEM LIGADOS, AS ALVORADAS E ENCERRAMENTOS SERÃO DIARIAMENTE TRANSMITIDOS ONLINE ATRAVÉS DA PÁGINA DA ASSOCIAÇÃO MANDICUERA NO FACEBOOK, **A ALVORADA ÀS 6H E O ENCERRO ÀS 18H**.

**AS BÊNÇÃOS PARA CADA FAMÍLIA SERÃO FEITAS DURANTE OS 50 DIAS** EM QUE A ROMARIA NORMALMENTE DURA E SERÃO **ENVIADAS ATRAVÉS DO WHATSAPP**. SEGUINDO O CRONOGRAMA, DEFINIMOS UM CALENDÁRIO: **SERÃO DEDICADOS DIAS DE GRAVAÇÃO PARA CADA COMUNIDADE**, COMO SE ESTIVÉSSEMOS AÍ EM SUAS CASAS, ENVIANDO AS GRAÇAS DO DIVINO.

ENTRE OS **DIAS 23 E 30 DE MAIO** ESTAREMOS RECEBENDO PEDIDOS DOS DEVOTOS ATRAVÉS DE MENSAGENS ENVIADAS VIA FACEBOOK E WHATSAPP.

ASSIM, ACREDITAMOS ESTAR ACOLHENDO AS COMUNIDADES E SEUS DEVOTOS DA MELHOR FORMA QUE PODEMOS NESTE MOMENTO TÃO DELICADO PARA O NOSSO PAÍS E PARA O MUNDO.

 **(41) 98889-8395** 

FONTE: Facebook da Associação Mandicuera. Disponível em:

Deste modo, no dia 12 de abril (domingo de páscoa) transmitiu-se a Alvorada do Divino Espírito Santo (realizada na capela do Divino na Ilha dos Valadares) pelo Facebook e pelo Youtube, dando início à Folia e a produção de centenas de vídeos que seriam encaminhados às famílias devotas. A Folia foi realizada apenas por Mestre Aorelio e sua família (suas duas filhas assumiram as posições de caixa, viola, tpe e tenor) para que não houvesse a necessidade de deslocamento de foliões para as gravações.

No total foram produzidos 258 vídeos, os quais mantêm a mesma estrutura ritual da Folia, isto é, inicia-se com uma linha instrumental para então se cantar a chegada, após é feito as bênçãos e agradecimentos e então se canta a despedida. Todo o processo foi realizado durante o período de Ave-Maria, isto é, das 06h da manhã até as 18h da tarde. O Encerramento da Folia foi realizado também por meio de transmissão via Facebook no dia 31 de maio de 2020. Dada a dificuldade percebida para a realização de transmissões on-line, as alvoradas e encerros diários, apesar de realizados, não foram transmitidos pelo facebook, como previsto anteriormente.

FIGURA 4 - FRAME DE UM DOS VÍDEOS ENCAMINHADOS



FONTE: Acervo da Associação de Cultura Popular Mandicuera

Nota-se que os foliões procuraram manter a mesma rota realizada pela Folia nos anos anteriores, mantendo-se inclusive o calendário de visitação, ou seja, os vídeos eram gravados e enviados às comunidades específicas nos mesmos dias em que a Folia ali estaria. Tal fato é relevante se notarmos que as Festas, por serem cíclicas, demarcam a passagem do tempo, "conferindo graça e ritmo à vida social como um todo", como nos diz Maria Laura Cavalcanti e Renata de Sá Gonçalves (2021). É comum em campo se escutar expressões como "tempo da bandeira" ou "tempo da Folia", isto é, o momento em que a tripulação chega a determinada comunidade e quando toda a população católica larga todo e qualquer afazer cotidiano para acompanhar as bandeiras, é nestes tempos que laços e afetos são reforçados e construídos, e de certa forma, a comunidade (como um conjunto) ganha sentido<sup>3</sup>. A manutenção da rota nos passa também a ideia de trânsito, de circulação, contribuindo para realização de certos sentidos próprios deste, como por exemplo a ansiedade da espera pela chegada das Bandeiras. Por outro lado podemos também pensar a forma como a realização da Folia serviu como organização da experiência coletiva da quarentena (BOTTINO, SCHELIGA e MENEZES, 2020), uma vez que a prática religiosa manteve sua função de organizar e manter o calendário destas populações.

Qualquer outro critério poderia ser escolhido para ordenar a gravação dos vídeos (ordem alfabética dos nomes dos devotos, por exemplo), mas a escolha do critério geográfico nos mostra a importância que têm circular pelo território de uma forma específica e pré-determinada.

A gravação dos vídeos foi uma tarefa cansativa para os foliões, os quais se depararam com dificuldades técnicas não previstas, mas as quais superaram de maneira criativa e eficiente. Percebe-se que durante os anos de 2020 e 2021 houve um incremento da capacidade técnica de produção e transmissão da Folia. Aliada às transmissões dos bailes de fandango (Mestre Aorelio é também mestre de Fandango Caiçara, tocando rabeça no grupo Mandicuera), os foliões (e fandangueiros) passaram a buscar melhores formas de captação de som, iluminação, melhores planos de internet para realizar as transmissões com a melhor qualidade possível, de forma que, se a primeira alvorada do ano de 2020 foi realizada utilizando-se um aparelho celular, no encerramento da Folia do ano de 2021 percebeu-se uma crescente profissionalização da transmissão, notando-se uma preocupação com a composição do cenário, localização de cada Folião, instrumentos, equipamento de iluminação e captação de som, entre outras

---

<sup>3</sup> Como nos diz Karina da Silva Coelho (2018), nas comunidades caiçaras é pouco comum que vizinhos adentrem à casa uns dos outros, sendo isto feito apenas durante o tempo de passagem das Bandeiras

coisas, como nota-se nas imagens dos encerramentos da folia realizados em anos pandêmicos.

FIGURA 5 - FRAME DO ENCERRAMENTO NO ANO DE 2020



FONTE: Acervo da Associação de Cultura Popular Mandicuera

FIGURA 6 - FRAME DO ENCERRAMENTO NO ANO DE 2021



FONTE: Acervo da Associação de Cultura Popular Mandicuera

Além do aperfeiçoamento técnico pode-se notar uma grande diferença na realização da Folia nos anos pandêmicos. Em 2021, cansados e indispostos a gravarem vídeos das visitas às famílias, e até aquele momento impossibilitados de se locomoverem pelas comunidades levando as Bandeiras, os foliões pensaram em uma alternativa criativa para contornar as limitações impostas pela pandemia, solucionando, de certa forma, problemas que se haviam apresentados na realização da Folia por meio do aplicativo WhatsApp.

Foi confeccionado uma "capelinha" (localizada no centro da foto apresentada acima) com a imagem do Divino Espírito Santo em seu interior, que percorreu as comunidades, adentrando as casas dos devotos. Tal "capelinha" possuía uma abertura em sua parte superior, por meio da qual era possível para os devotos depositarem fitas com seus pedidos escritos. Em trabalhos anteriores defendo que a presença das Bandeiras, representando o Divino Espírito Santo, e a possibilidade do contato com elas (através do toque e, principalmente, do beijo) é essencial para gerar o estado e o momento ritual no qual os acordos entre devotos e santo são feitos, e ao que parece, a presença do objeto circulando pelas comunidades (mesmo que sem a "tripulação da bandeira") pode estabelecer certas relações impossíveis de serem estabelecidas pelo meio virtual.

Porém o virtual não foi completamente abandonado, pois pôde-se perceber, assim que a "capelinha" chegava em determinada comunidade, a criação e publicação de conteúdo nas redes sociais dos devotos. Eram vídeos e fotos juntos com a "capelinha", a tocando, a beijando e a recebendo em suas casas (muitos vídeos mostram a família, ao som da música da Folia tocando em um aparelho de CD carregando a "capelinha" para o interior de suas casas)

### **WhatsApp e parentesco**

O aplicativo de mensagens WhatsApp não foi escolhido ao acaso para levar as Bandeiras no ano de 2020, tal escolha pressupõe uma abrangente utilização anterior deste, e das redes sociais, assim como uma crescente oferta de serviços digitais para as populações residentes no entorno e interior do Parque Nacional do Superagui. Oferta essa que choca-se com questões básicas de infraestrutura, como, por exemplo, a indisponibilidade de energia elétrica em grande parte destas comunidades.

Tal aplicativo (e as redes sociais como o Facebook) já era utilizado pelas populações caiçaras, seja para fins de organizacionais (festas, comitivas, representações

políticas, etc.) ou para fins de sociabilidade, e este uso já foi estudado por Ary Fábio Giordani Daniel (2019) e por mim em trabalhos anteriores (TOSSULINO, 2021). Porém, no ano de 2020 pode-se dizer que tal uso ganhou novos sentidos e maior relevância, exatamente por ter se tornado o único meio disponível para o contato.

Este uso também representa novas implicações, pois, se a Folia só foi possível por já existir um uso anterior do aplicativo, é certo que tal uso não abrangia toda a população caiçara. Muitos dos devotos são pessoas idosas, ou residem em áreas não plenamente atendidas pelas redes de internet, seja celular ou banda larga, e por tal motivo toda uma reorganização das relações sociais precisou ser realizada. Neste cenário, pessoas jovens recebem protagonismo, uma vez que passam a mediar o acesso dos mais velhos às suas práticas de sociabilidade.

Tal fato era percebido não só na realização da Folia, mas também nos bailes de fandango (os quais também foram realizados de forma online durante a pandemia), nos quais era possível se notar, através dos comentários nas *lives*, a presença dos mais velhos acompanhando a partir de perfis de filhos, netos ou sobrinhos. Porém, se houve essa reorganização pautada pelo acesso etário, percebe-se, por outro lado, que as marcas da sociabilidade destas populações permaneceram. Juliane Bazzo (2010), entre outras, afirma que esta região litorânea do Paraná e São Paulo configura-se como uma grande território de parentesco e, de fato, em campo é comum perceber as linhas de parentesco que existem entre comunidades, e a maneira como o parentesco organiza o espaço, seja nas comunidades ou na Ilha dos Valadares.

Pela internet percebeu-se que a interação entre esta população manteve-se pautada pelo parentesco, seja nos vídeos da Folia, os quais o nome da família para qual estava sendo encaminhado era marcado logo no início, seja nas *lives* pelo facebook, no qual grande parte dos comentários era relacionado a algum parente ou localidade da qual se sentia saudades. Comentário como "Manda uma abraço p Santino Balduino....e nossos pêsames pelo falecimento de Dona Marlene.....q senpre incentivou sua neta Bianca Balduino a participar do fandango." ou então "Manda um abraço pro Domingos irmão da dona preta do São Miguel"<sup>4</sup>, eram constantes e enchiam as caixas de comentários das *lives* de fandango.

Isto nos indica a força que tal chave tem para esta população. Se no passado o parentesco foi responsável por reorganizar o espaço habitado na Ilha dos Valadares, sendo um dos principais fatores apontados por esta população para a migração para tal região, durante a pandemia de COVID-19 dos anos de 2020 e 2021, no ambiente virtual,

---

<sup>4</sup> Comentários extraídos da *live* do dia XX/XX do Grupo Folclórico Mestre Romão.

ele continuou organizando as relações sociais mediadas pelas redes sociais e aparelhos móveis.

### **Considerações**

As populações caiçaras têm convivido com mudanças e transformações há, pelo menos, um século. Desde a inserção dos barcos a motores e a chegada da energia elétrica às comunidades até novos modos de se reproduzir suas práticas culturais, como a inserção de instrumentos elétricos no fandango caiçara, ou a realização de uma folia por meio de aplicativo de mensagens instantâneas, estas mudanças têm sido agenciadas de uma maneira própria, muitas vezes de modo a manter e fortalecer laços sociais, camaradagens, compadrios e parentesco, e articuladas por estas mesmas chaves. Em um movimento chamado muitas vezes por meus interlocutores de "recontextualização", essa população, a partir de novos ambientes e novas tecnologias, reinventa seu próprio modo de estar e se relacionar com o mundo.

Tem sido comum afirmar-se que a pandemia acelerou a "transformação digital" ou, em certas regiões e serviços, a "inclusão digital". Não acredito que este seja o fenômeno aqui, até porque a expressão utilizada pode nos passar a ideia de um movimento inevitável em nosso futuro, no qual a pandemia teve apenas o papel de acelerar o que já se enunciava, o que de certa forma se mostra, além de errôneo, ambicioso, uma vez que não possuímos nem sequer a certeza de que tal "era digital" é permanente e viável, seja técnica ou ecologicamente.

Porém, é certo que a pandemia trouxe novas necessidades até então inexistentes e, para supri-las, houve a necessidade de se buscar novos recursos e experiências tecnológicas que, talvez, sem a pandemia, nunca chegassem a ser utilizados. O ano de 2020 é marcado também pela chegada da fibra óptica à Ilha dos Valadares, Ilha das Peças e Ilha do Superagui, e certamente tal fato tende a intensificar e acelerar o uso das tecnologias da comunicação pelas comunidades caiçaras, assim como evidenciar a urgente necessidade de inclusão de parte desta população à rede de energia elétrica, de forma constante e eficiente.

Ao se pesquisar sobre novas tecnologias da informação e da comunicação é comum entrar em contato com ciber-utopias tecnológicas, as quais vislumbram a existência pós-corpórea dos humanos. No âmbito da Folia do Divino Espírito Santo da Ilha dos Valadares e para as populações caiçaras, a possibilidade de tal existência se encontra distante, pois, se o virtual é capaz de estabelecer certas comunicações e

determinadas presenças, existe a necessidade da presença do corpo físico para que se estabeleçam relações íntimas de trocas e laços sociais. Isto porque a experiência online se mostra incapaz em suprir todas as sociabilidades das populações caiçaras. Se é possível realizar uma chamada de vídeo com os parentes mais distantes, e tal chamada realiza certos anseios por afetividade, é certo que a mesma não se equipara em recebê-los em suas casas para a realização de uma festa (por exemplo).

Deste modo a realização virtual da Folia foi capaz de levar alento, saúde, alegria, paz e luz aos vivos e aos mortos nesse momento de dificuldade, porém, apesar de todos os esforços dos foliões, o contato com o Espírito Santo, apesar de estabelecido, parece não ter sido completo. O mesmo realiza-se somente com a presença física, corporal, do Espírito Santo, dos foliões, da tripulação e de toda a comunidade, o que não pôde ser suplantado durante a pandemia.

## **Bibliografia**

- BAZZO, Juliane. 2010. Mato que vira mar, mar que vira mato: O território em movimento na vila de pescadores da Barra da Ararapira (Ilha do Superagui, Guaraqueçaba, Paraná). 292f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, BRASIL.
- BERARDI, Franco "Bifo". 2020. Crônica da psicodelfação. 1º parte. n-1 edições (002). Disponível em: <https://n-1edicoes.org/002>. Acesso em: 23/08/2022.
- BOTTINO, Caroline Martins de Melo; SCHELIGA, Eva; MENEZES, Renata de Castro. 2020. Experimentos etnográficos em redes e varandas: a religião em tempos de pandemia. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 29, n. supl, p. 289-301. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170445>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1986. Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular. 2 ed. São Paulo: Brasiliense.
- CAVALCANTI, Maria Laura e GONÇALVES, Renata de Sá, (org.). 2021. A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dados eletrônicos. – (Série Livros Digital, 23).
- COELHO, Karina da Silva. 2014. Entre Ilhas e Comunidades: articulações políticas e conflitos socioambientais no parque nacional do superagui. (Dissertação) PPGA-UFPR.
- COELHO, Karina da Silva. 2018. Bandeiras, pessoas e causos em circulação: notas sobre o movimento e o território durante a Folia do Divino. 31ª Reunião Brasileira de Antropologia.
- MARTINS, Patrícia. 2006. Um divertimento trabalhado. Prestígios e rivalidades no fazer fandango da Ilha dos Valadares. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Curitiba.
- DANIEL, Ary Fábio Giordani. 2019. Fandango Caiçara nos tempos da comunicação instantânea: Musicologia política ou etnografia do estado da arte?. Tese (Doutorado em Musicologia) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RAIPI. 2018. Relatório De Avaliação De Impactos Aos Bens Registrados. Obras de Ampliação do Cais de Acostagem do Porto Paranaguá. Administração do Porto de Paranaguá e Antonina – APPA. Paranaguá: PLANAVE SA.

TOSSULINO, Caetano Pires, 2021. O Divino e o Whatsapp: Uma Folia do Divino Espírito Santo em tempos pandêmicos. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Curitiba